

Reflexões acerca da Dança-Teatro de Pina Bausch: o uso da repetição como objeto de denúncia

Reflectionson Pina Bausch's Dance-Theater: the use of repetition as an object of complaint

Rayna Sargem da Silva

Vitor Belém Inácio

Jean Paulo de Oliveira Souza¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a proposta de alguns movimentos e experimentações do trabalho de dança-teatro realizado por Pina Bausch. Estuda-se aqui a maneira pela qual as repetições são capazes de elevar a interação bailarino-plateia a um patamar de contribuição e descobrimento mútuo. Além disso, constrói-se a tese de que tais movimentos também evocam denúncias em meio ao cotidiano. Sendo assim, uma criticidade é criada e, aqui, se faz um breve paralelo entre a percepção obtida em cena e as ordenanças da sociedade.

Palavras-chave: Pina Bausch; Dança-Teatro; Repetições.

Abstract: This article intends to analyze the proposal of some movements and experiments of the dance-theater worked by Pina Bausch. We study here the manner in which repetitions are capable of bringing the dancer-audience interaction to a level of contribution and mutual discovery. In addition, the thesis is constructed that such movements also evoke denunciations in the midst of daily life. In that way, a criticality is created and, here, a brief parallel is made between the perception obtained on the scene and the ordinances of Society.

Keywords: Pina Bausch; Dance-Theater; Repetitions.

¹ Instituto Federal Fluminense.

Reflexões acerca da relação bailarino-plateia

O trabalho de Pina Bausch, suas criações e suas danças possuem como uma das características principais o uso de contínuas repetições. Neste contexto, a dança-teatro não representa uma forma reunida com características do tempo habitual, mas que acontece em tempo real, junto às percepções do público. (FERNANDES, 2007)

Nessa atmosfera, o público é capaz de vivenciar as provocações incitadas pelos atores-bailarinos em suas coreografias. Levando consigo a sua vivência, memórias e percepções, os espectadores compartilham-nas, formando um fluxo por meio do qual plateia e elenco contribuem para o espetáculo. Ocorrem neste processo experimentações através do impessoal e do pessoal, informal e formal. Portanto, o trabalho em cena cria variadas possibilidades de interpretações que levem ao público novas perspectivas. A repetição trabalhada por Pina Bausch, que será mais amplamente tratada a seguir, contribui com esse cenário:

Com o passar do tempo, vou ficando mais cansada, e meu corpo como espectadora, geralmente assisto visualmente deslumbrada e intelectualmente curiosa gradualmente relaxa na cadeira; fico menos crítica e mais receptiva a experiências surpreendentes, como súbitas mudanças na atmosfera cênica. Então, cenas são repetidas em diferentes contextos, ou com pequenas diferenças, num constante jogo entre imagens e conceitos novos e velhos, transformando minha visão e compreensão dos eventos no quais agora me incluo. As repetições imprimem e transformam as imagens na memória do espectador, resistindo a qualidade efêmera da dança e permitindo novas maneiras de ver. (FERNANDES, 2007. p.64)

Não se pode deixar de abordar o paralelo entre a economia psíquica na vida abstrata, de transação entre o espaço, o tempo e o trabalho do diretor/coreógrafo em cena. Phelan (1997) faz uma analogia entre a psicanálise e a dança por ambas se preocuparem em organizar o corpo (físico e subjetivo) no tempo.

A psicanálise é a performance na qual doutor e paciente interpretam um sintoma que dá ao corpo coerência temporal. Parte do fardo de estabelecer ordem temporal no corpo, tanto para a dança quanto para a psicanálise, frequentemente recai na narrativa, já que uma das coisas que a narrativa gera é ordem temporal. (PHELAN, 1997, pp. 55-56)

Sendo assim, a análise deixa de ser causal e passa a se eximir em dependência das explicações didáticas de pantomimas, vídeos ou textos que muitas vezes são usados para levar peças de dança a um público misto. Nestas, cada um contribui para que cada apresentação seja vista como um gesto humano expresso, uma vez que se sentem aptos a manifestar sua linguagem.

Comparando o público a compradores, faz-se uma aproximação entre o produto e o consumidor, deixando às claras as características e qualidades. Desta forma, exprimindo a vontade do consumidor em querer conhecer mais sobre determinado produto. Os bailarinos expressam a arte através de seus corpos, suas técnicas e habilidades, formando um conjunto de cenas teatrais. Eles chamam a atenção do seu público (consumidor), do qual extraem admiração, gargalhadas, suspense e respirações pulsantes. Surge a cada ato uma nova sensação de experiência proveniente da plena realização da arte, revolucionada pela linguagem tanto dos atores-bailarinos envolvidos, quanto dos espectadores, com formas e estilos capazes de atraves-

sar o tempo para além das fronteiras. Dar-se-á então uma nova forma de comunicação através de um olhar, da fala, do gesto e da dança presente na cena. (PHELAN, 1997)

Se cada coreógrafo-bailarino-ator formula suas coreografias a partir de inspirações e sentimentos humanos, quando compartilhados com a plateia, o resultado será um espetáculo verdadeiro e provocante como a própria vida.

Dança e Sociedade

A dança pode ser enxergada como uma arte da inteligência corporal e memorística, pois através da forma poética dos seus movimentos ela encanta e perturba o seu público. Nela está presente um mutualismo exacerbador: ao mesmo tempo em que toca aquele que dança, também atinge quem está assistindo. Dançar traz para o indivíduo uma rica experiência para os sentidos corporais e, conseqüentemente, para a percepção sobre a vida.

A sociedade atual vive sob a égide de um mundo que evolui a cada minuto. A tecnologia e a imagem impregnam as aspirações pessoais a cada instante. Desta forma, os muitos estímulos recebidos podem contribuir para a diminuição da sensibilidade. Nesse contexto, pode-se mencionar a dança como um mecanismo de resistência, pois ela envolve todos os nossos sentidos e despertam sensações que abarcam o homem sob o meio que o cerca.

A dança seria então um fundamento estratégico no sentido de promover experiências estéticas que auxiliarão a transformação de valores, costumes e crenças. Tal arte acaba sendo de suma importância no processo de auxílio da mutação da sociedade brasileira contemporânea. Para que não se perca a identidade, mas também para que se respeite a do próximo, é cada vez mais necessária a presença do diálogo com a sociedade e consigo mesmo diante das mudanças que ocorrem no mundo.

Indo aos primórdios, pode-se observar que a dança era parte de uma manifestação do coletivo, constituída junto às tradições culturais populares. Mais à frente, analisa-se uma dicotomia dessa prática: a construção de significados passa a inclinar-se para projetos de elitização. Desta forma, a dança que era popular e que estava estreitamente ligada à vida popular, agora assume um papel de divertimento da aristocracia, servindo como troféu para afirmar o prestígio e o poder dessa classe dominante. Neste contexto, o tipo de apreciação e o sentido de posse advindo da dança elitizada surgem como fatores dispostos a legitimar as diferenças sociais enraizadas nas hierarquias de classes. (SOUZA, 2004)

Observa-se no trabalho de Pina Bausch a denúncia aos meios através dos quais a sociedade impõe forças sobre o indivíduo. São vários os fatores que cercam a vida cotidiana e influenciam no modo de pensar e agir de cada cidadão. Com base nestas questões, Ciane Fernandes (2007), seguindo a estética do trabalho de Pina, reflete que através da dança, bailarinos demonstram atitudes que denunciam a forma imposta em que se vive. Esta demonstração é feita, por vezes, de forma exagerada, a fim de provar para aqueles que estão ao redor a verdade ideológica daquilo que se produz.

Neste ponto, não se pode deixar de mencionar a importância da repetição. Através dela, Bausch quebra as convenções de “estados interiores de consciência” que são independentes e isolados. Ela também propõe que os sentimentos individuais são fatores determinados pela linguagem em relações sociais de poder.

Pode-se observar nas obras desta pesquisadora a utilização da repetição como elemento fundamental, uma vez que este elemento consegue permear, atrapalhar, inverter, distorcer e determinar experiências e significados na dança. Para além disso, a criticidade presente na repetição atinge a coluna vertebral social, seja de forma a romper ou a confirmar conceitos.

Por meio da repetição podem surgir novas, e até mesmo inesperadas, formas de percepção da relação e vida humana, tanto no palco, como no cotidiano. (FERNANDES, 2007)

É possível, inclusive, que se leve em consideração o capitalismo e a utilização dos intuitos pessoais pela indústria. Por muito tempo, bailarinos entraram em academias de dança para enaltecer vaidades, muitas vezes, provenientes de seus antepassados, no objetivo de que se disseminasse a ditadura do corpo e da beleza, da fluidez, do movimento desenhado nos moldes da perfeição socialmente, e hierarquicamente, construída.

Observemos o modo com que Bausch visa fundamentar a sua técnica. Seus espetáculos de Dança-Teatro buscam provocar naqueles que assistem um olhar voltado tanto ao ser social que dança e quanto àquele que “não dança”. Associa-se aqui novamente o capitalismo, na percepção de que assim como a maioria dos fatores sociais, a dança e sua estética também sejam transformadas em mercadorias detentoras de valores mercadológicos.

O ser social, por vezes, acredita estar adquirido algo desejado segundo a sua própria identidade, quando na realidade passa por apenas mais um processo forjado pelo mercado e destinado ao alcance das massas. Fernandez (2005) ao analisar os trajetos percorridos por Pina Bausch, acha claro nestes a sua inclinação para a observação do movimento de um indivíduo perante as massas. Se debruçando sobre este tema, Bausch, que trabalhava com a denúncia do conformismo social, também se colocava na busca de que através da dança fossem transmitidas críticas capazes de auxiliar o indivíduo no processo de libertação da subsunção capitalista.

Dança: Relação de Poder, Competição e Dominação

Chega-se à tese de que o ser social é capaz de aprender através da repetição, tanto no que tange a dança, mas também na própria vida em sociedade. Um claro exemplo disso é a questão do bebê que de tanto tentar e repetir, consegue ficar de pé.

Observemos outro ponto. Se na dança os movimentos são adaptados por meio da repetição, surge a tese de que o mesmo efeito ocorra na vida. Você já se perguntou por que andamos de frente e não de costas, ou de lado? Somos regulados por uma convenção social. Por meio dessas repetições os corpos são disciplinados, adaptados, modelados e controlados.

Por muito tempo, bailarinos foram colocados numa redoma de vidro, como se fossem seres para além da humanidade. Em busca do “belo”, os mesmos passavam por treinamentos sobre-humanos e tinham seus estilos de vida determinados pela privação e pela dor. Dentro academias, os próprios bailarinos olhavam-se como seres diferentes. A ditadura do corpo, os valores comerciais e econômicos ditavam os que seriam permitidos ao famoso “ballet”. (FERNANDES, 2007).

O trabalho de Pina Bausch traz consigo a preocupação da mesma em desconstruir e criticar aquilo que estava sendo vivido pelas academias, pelos bailarinos e pelo mercado. Por meio da repetição, a dança é desmembrada e convertida numa forma de expressão espontânea.

Abordemos também a questão da competição presente na dança e na vida do ser social. Ainda utilizando o pensamento da Ciane (2007), pode-se analisar a proposta bauschiniana no que se refere à competição entre os dançarinos, responsável por refletir atitudes que vão muito além da dança.

Neste sentido, mais uma vez a repetição é utilizada numa forma de denúncia. Trazendo um pouco mais para o sentido pejorativo, não precisamos pensar muito para chegar a um denominador comum: a competição entre os seres. Não restringido somente à raça humana, o ato de competir pode estar associado ao intuito de dominar seres e territórios. Os seres compe-

tem para ganhar espaço na natureza, no trabalho, nas academias, em promoções e também na dança.

Cabe admitir que a competição não traz apenas malefícios. Afinal, observa-se que ela também é capaz de estimular o desenvolvimento. O problema ocorre quando ato de competir transfigura-se num objeto de tortura ou em uma ferramenta de flagelação ou autoflagelamento. A dança é um lugar em que o sujeito tem sido tradicionalmente dominado e objetificado. Mais gravemente, questões que cercam a saúde do bailarino chegam a ser dispensadas em favor da estética artística. (FERNANDES, 2007)

Repetições

O uso de repetições está presente em diversos tipos de dança. Em alguns, ele atua como métodos de criação, comunicação, transmissão de sentimentos, dentre outros. Entretanto, num dado momento pode surgir a dúvida: Por que repetimos afinal? O fazemos como treino ou aprimoramento em busca de uma disciplinaridade? Geralmente, tanto bailarinos quanto expectadores encontram na repetição um significado que se assemelha ao ensaio, à busca pela perfeição. Entretanto, o seu significado vai além disso. A repetição pode atuar, inclusive, de maneira a desmitificar a busca pelo “perfeito”.

Repetições: Reflexão e Ressignificação

O estilo aqui estudado também faz uso de tal modalidade técnica. Contudo, além do que fora citado, Pina Bausch se utilizará da repetição para explorar a *Ordem simbólica do Movimento*, em sua própria natureza. A reprodução contínua do movimento será tida como aparelho reflexivo por meio do qual o mover é estudado não apenas em suas reações exteriores, mas internas. A repetição é capaz de ampliar o horizonte de possibilidades de entendimento para quem assiste e para quem pratica. O real proposto pode ser entendido de diversas maneiras, sendo ele instruído, ou não, logo no início do espetáculo. Por meio dos movimentos repetitivos, os dançarinos obterão um instrumento capaz de transformar, reconstruir e desestabilizar suas próprias histórias, sob suas óticas, memórias e conhecimentos, enquanto corpos sociais e estéticos. A cada nova repetição, uma nova “coreografia” constrói-se, e o valor de único e singular torna-se uma característica presente na obra. (ARAÚJO, 2014).

Posto isto, o conceito de *Ressignificação* deverá surgir nesta discussão. Com as repetições, sentidos e conclusões possivelmente serão modificados ao longo do projeto. O que fora gerado logo na primeira realização do movimento poderá ser diferente do que se compreenderá a partir de suas reproduções. Tendo o caráter repetitivo uma semântica que difere da atividade mecânica, mas que visa à transformação e a criação, o expectador refletirá sobre resultado final atribuindo-lhe um sentimento extremamente distinto do que fora concebido a princípio. A construção obtida no decorrer do processo tende a criar uma criticidade do que está sendo exposto de maneira a imprimir diferentes impressões em quem assiste. (ALVEZ; RIBEIRO, 2016)

Neste sentido surge uma dicotomia semântica. Existe a possibilidade de que o movimento que num primeiro momento despertou na plateia uma identidade voltada à comicidade, arrancando-lhe risos, com o decorrer do processo seja caracterizado de uma maneira completamente distinta, afinal, outros significados nascem a partir da repetição. A distorção é uma característica presente neste processo. Dispondo da ideia de que distorções ocorrerão frequentemente, faz-se necessário levar em consideração também a maneira como o corpo pronuncia uma palavra, como ele exprime um texto ou uma emoção. Uma agressão, ainda que verbal, será elevada a um carinho e, logo após, do carinho uma agressão poderá ser obtida. (FERNANDES, 2007)

Repetições: Corpos Disciplinados, Seres Disciplinados.

Conforme dito anteriormente, a repetição é capaz de evocar na dança o corpo físico como um objeto disciplinarmente controlado. Um processo de aprendizado, independentemente a que se refere, está disposto sobre a organização de ciclos repetitivos. Tudo isto irá construir uma base de controle corporal. Socialmente falando, estes corpos estarão disciplinarmente controlados e produtivos economicamente. Conforme o que fora dito no tópico deste texto onde se questiona o conceito de dominação, Bausch se utiliza de tais preceitos na intenção de produzir uma criticidade reflexiva acerca da relação de poder entre os corpos e a sociedade, prezando por fornecer novos olhares sobre as maneiras de perceber e expressar aquilo que se impõe. (FERNANDES, 2007)

Em seu trabalho, Bausch buscava sempre trabalhar com questões como a vida e o cotidiano e que, por isso, é perceptível o uso constante da repetição em suas obras. Provavelmente, Pina tentava retratar nestas repetições a vida e a situação do corpo como um ser vivo. Além disso, é tecida a ideia de que ao trabalhar com movimentos de vida, Bausch conclui que a repetição é capaz de mostrar como atos cotidianos podem ser tão artificiais quanto os cênicos. Assim, sua busca seria a de conseguir uma espontaneidade em meio à repetição, embora, por tese, a repetição excessiva destruísse a espontaneidade. (ALVES; VIEIRA, 2016)

A questão do ser no mundo é aqui de suma importância. As obras bauschinianas, além de evocarem as identidades de seus próprios bailarinos, fornecendo-lhes a possibilidade de uma maior identificação com o espectador, utilizam de fatores que confrontam a quem assiste. As repetições geram na plateia sentimentos de desconforto, uma vez que ao tratar de relações de poder, o espectador é capaz de se identificar como membro disposto numa posição incômoda na sociedade. “O trabalho de Bausch tem o mérito de gravar os fracassos da comunicação cotidiana, questionar seu significado, descobrir seu vazio e com ele o fator distorcido das relações dos seres humanos de hoje”. (CALDEIRA, 2010, p. 119)

Repetições: Ensaio Revelado e o Paradoxo entre a Perfeição e o Erro

Indo além, muitos trabalhos de Bausch expõem a repetição como um processo de ensaio revelado. Em suas obras, por vezes o bailarino repete um mesmo movimento como se tentasse memorizá-lo. Centro do aprendizado, a repetição transparece no dançarino a sua natureza controladora em cima do corpo que por ela é oprimido e se coloca a sofrer.

Assim, é construído um paralelo entre a perfeição e a falha, conectando-as. Bausch procura que o espectador ressignifique tais definições. Com o uso das repetições, o que se mostra na obra de Pina não é um produto final perfeito, mas um trajeto, etapas decorridas pelos bailarinos. Em concordância a isto, deve-se ressaltar que nestas etapas é altamente provável que a falha esteja presente.

Pontuando a repetição na dança também como uma crítica às relações de poder presentes na sociedade, as imperfeições expostas desempenharão em quem assiste um papel fundamental. Diante da realidade exposta no palco, o indivíduo se faz entender como um ser competitivo e social que deve estar – obrigatoriamente - inserido dentro do conceito disciplinar proposto. (FERNANDES, 2007)

As percepções nascidas da repetição levam o espectador a se desvencilhar da necessidade de apresentação de uma perfeita finalização. Um processo de experimentação acontece, seja ele de acertos ou erros. Nas palavras de Ciane (2007),

A exposição do método repetitivo de aprendizagem coreográfica o transforma no tema da dança, destruindo a ideia de produto final e

perfeito. Repetição é o tema e meio da dança. Esta torna-se um cenário para experimentação, permitindo a percepção e a avaliação crítica da estrutura subliminar do espetáculo. (p. 80)

Desta maneira, na obra de Pina Bausch denominada *Mercy*, é visível o rompimento do ideal de que a perfeição é obtida através da repetição. Nesta montagem, o bailarino continua a repetir seu movimento justamente por ter errado e, tentando cada vez mais melhorar, acaba errando muitas outras vezes. Logo, ao invés de levar a perfeição, as repetições se desenrolam em falhas. (FERNANDES, 2007)

Conclusão

As pesquisas relacionadas à dança-teatro de Pina Bausch influem nos mais diversos aspectos pelos quais tais artes são compostas. Aqui, focou-se justamente nas questões que dizem respeito às relações obtidas entre bailarino e plateia por meio do espetáculo proposto e o tão pertinente processo repetitivo presente nas obras de Bausch. Como ser social, o expectador carrega consigo memórias, emoções e vivências que possuem significados gerados e calcificados ao longo do tempo. Este ser já possui uma analogia mental e crítica voltada a uma determinada linha de pensamento no que tange a sua inserção na sociedade e em suas relações de poder. Quando em contato com a arte, estas linhas já pré-definidas ou entram em choque com o que é apresentado ou, então, fundem-se de maneira a atribuir outro significado ao que acontece em cena.

Por meio deste estudo, fica clara a maneira como as repetições bauschianas influem no processo de transmissão, recebimento e entendimento da dança-teatro. A todo o momento, verdades são construídas e desconstruídas não apenas em quem assiste, mas também sob o olhar daqueles que no palco difundem a arte. Uma construção mútua acontece. Enquanto os bailarinos-atores organizam em si e transmitem uma parcela do conteúdo do espetáculo, a outra parcela é formulada por aqueles que na plateia recebem, ressignificam e edificam tal conteúdo.

Assim, conclui-se que o trabalho de Pina Bausch é composto por uma identidade transformadora. Nele, conceitos pré-determinados são desconstruídos. Os bailarinos-atores e os expectadores compartilham visões autônomas, questionando e transformando os preceitos sociais até então conhecidos.

Referências

- ALVES, Renata Cristina; VIEIRA, Alba Pedreira. Pina Bausch: Estética da Repetição e Uso de Objetos Cênicos. In: *12º Seminário Nacional de Dança Contemporânea: Concepções Contemporâneas em Dança*. CD-ROM. Belo Horizonte: UFMG, 2016. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/346811122/Pina-Bausch-Estetica-Da-Repeticao-e-Uso-de-Objetos-Cenicos>>. Acesso em 20 de abril de 2018.
- ARAÚJO, Pedro Gonçalves. Pina Bausch e Suas Resignificações a Partir da Dança-Teatro. In: *Anais do VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*. Goiânia: UFG, FAV, 2014. Disponível em: <https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2014-eixo1_19_pina_bausch_e_suas_ressignificacoes.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2018.
- CALDEIRA, Solange. A Construção Poética de Pina Bausch. *Revista Poiésis*, n. 16, p. 118131, Dez de 2010. Disponível em:

<http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis16/Poiesis_16_ART_PinaBausch.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2018.

FERNANDES, Ciane. *Corpo Com-Texto: A Dança-Teatro na Formação em Artes*. Revista VIS (UnB), Brasília DF, v. 9-2005, n.4, p. 17-34, 2005. Disponível em:

<www.geocities.ws/coma_arte/2005/anpap/ciane.doc>. Acesso em 20 de abril de 2018.

_____. *Pina Bausch e o Wuppertal Dança-Teatro: Repetição e Transformação*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

PHELAN, Peggy. *Mourning sex: performing public memories*. London and New York: Routledge, 1997.

SOUZA, Maria Inês. *Arte, Cultura e Sociedade: uma rede intrigante para algumas reflexões sobre a dança*. Universidade Federal Rio de Janeiro, 2004. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/document/146876551/arte-cultura-e-danca>>. Acesso em 20 de abril de 2018.

Recebido em 20 de abril de 2018.

Aprovado em 21 de junho de 2018.